

TABULEIRO DE LETRAS

ENTREVISTA

Murilo Peixoto da Mota é Doutor pela Escola de Serviço Social da UFRJ; Mestre em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública da FIOCRUZ; Bacharel em Ciências Sociais pela UFRJ; Sociólogo da UFRJ lotado no Núcleo de Estudos de Políticas Públicas em Direitos Humanos - NEPP-DH/UFRJ. É Vice-coordenador do Programa de Pós-Graduação Lato Sensu Políticas Públicas e Cultura de Direitos - NEPP-DH/UFRJ. Desenvolve pesquisas na área de gênero, diversidade sexual e direitos humanos. Membro do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CEP-CFCH) da UFRJ. muriloufrj@gmail.com

Murilo Mota esteve em Salvador em maio de 2015 para participar do IV Seminário Enlaçando Sexualidades, na Universidade do Estado da Bahia – UNEB, ocasião em que realizamos esta entrevista. A ideia foi relacionar o universo das mídias digitais, com o advento do hipertexto, ao objeto investigado pelo sociólogo, publicado em livro de sua autoria intitulado “Ao sair do armário, entrei na velhice... Homossexualidade masculina e o curso da vida”, recém-lançado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ e pela Editora Mobile.

Ricardo Freitas (RF): Murilo, sobre o que trata o seu livro “Ao sair do armário, entrei na velhice: homossexualidade masculina e o curso da vida”?

Murilo Mota (MM)- Este livro é o resultado de minha pesquisa para obtenção do título de Doutor em Serviço Social junto ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) com o título original de “Homossexualidade Masculina e a Experiência de Envelhecer”, financiado com recursos da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

Gostaria de destacar que o tema em questão focaliza a construção do envelhecimento com base em reflexões sociológicas. Esse tema tem produção recente no Brasil, com importantes contribuições de intelectuais, como Júlio Assis Simões, Andrea Moraes, Miriam Lins de Barros, Guita Debert, Miriam Goldenberg, Alda Motta, entre tantos outros que buscaram analisar os lugares ocupados por sujeitos com mais de 60 anos, no âmbito de seu espaço social. Assim, de modo mais amplo, o livro busca analisar o indivíduo moderno, tomando como enfoque homens gays em suas sociabilidades, afetividades, medos, angústias e o enfrentamento das mazelas distintivas das concepções

entre velhice e homossexualidade, solidificadas e construídas por esta sociedade, que segrega e despreza todos aqueles que, de alguma maneira, ousaram ser o que são em meio à heteronormatividade e no contexto de uma sociedade hedonista.

Na elaboração para o livro fiz uma releitura da tese, simplificando alguns conceitos e modifiquei o título. Assim, o título do livro resgata uma frase de um dos entrevistados ao afirmar que “ao sair do armário, entrou na velhice”. Apesar de a geração desses homens entrevistados não acentuar essa metáfora do “armário” como questão social. Tal aspecto é recente na luta por direitos. O entrevistado, ao proferir essa frase, acentua o fato de que há muitas lutas para a afirmação social, cujo pronunciamento em assumir-se gay se construiu em meio à representação da homossexualidade como doença e muitas perdas e ganhos, que revelam muitas questões para as novas gerações de indivíduos que hoje são jovens e amanhã serão velhos.

Então, os sujeitos entrevistados, hoje velhos – ou para ser mais respeitoso, como alternativa de aproximação do ideal de juventude, coroa, maduro, idoso, da terceira idade ou senhores –, mostram-se agentes intencionais de suas existências em meio às experiências sociossexuais vividas de maneiras clandestinas, desviantes e subalternas. A percepção de suas narrativas sobre as próprias trajetórias é um campo fértil para a análise do que hoje entendemos por diversidade sexual, identidade gay, comunidade simpatizante, daquilo que vai além das experiências heterossexuais, além de colocar pluralidade na experiência do que se classifica como homossexual.

Não há como negar que o tema do livro aponta para certas particularidades por envolver uma dinâmica de questões pouco elucidadas em debates acadêmicos e no âmbito das políticas públicas, apesar de estarem na ordem dia. Talvez isso ocorra porque esse sujeito seja um “outro” que não se quer ver, desviante, que traiu os papéis da masculinidade sob o crivo da heteronormatividade. Assim, as narrativas dos entrevistados trazem à tona o olhar que esse sujeito velho constrói sobre si e sobre os outros que os olham. O diferencial é que esse “outro”, muitas vezes, são seus pares identitários, pois a segregação aos velhos gays advém do próprio circuito gay em determinados territórios, que os impulsiona para maior invisibilidade no espaço social. Assim, se “sair do armário” foi uma luta para muitos em meio à heteronormatividade, voltar para o “armário” na velhice também tem sido uma consequência do duplo preconceito, estar sobre o crivo da velhice nos espaços gays e ser gay no espaço social.

De todo modo, o livro trata da velhice e amplia os questionamento do quanto há ganhos e perdas em meio à experiência de envelhecer. Mas, já que as perdas se sobressaem aos ganhos, na ordem dos significados para a vida contemporânea sobre envelhecer, o que dizer sobre esse sujeito, quando ele agrega a si sua a identidade gay? Apesar de muitos velhos se perceberem em duplo estigma, sem autonomia e independência para prosseguir, os entrevistados relataram o quanto perseveraram com seus projetos de vida, vontade de amar e manter novas relações sociossexuais, a fim de reinventar a felicidade no tempo presente de suas vidas.

RF: Há no seu livro alguma referência ao uso de tecnologias de informação e comunicação (TIC) por homens maduros, idosos e gays?

MM: É bem interessante essa pergunta e ela aponta para dois campos no livro. O primeiro, sobre as estratégias que utilizei para a busca de entrevistados, de maneira que pudesse ter amplas redes de homens diversificadas em seus extratos sociais. Esse é um objetivo de todo pesquisador, obter ricos depoimentos a partir de diferentes trajetórias de vida. E foi nas salas de bate-papo on-line que iniciei minhas abordagens, deixando transparecer meus objetivos e sem perder de vista a ética em pesquisa. O segundo, a maneira como os homens usam e se percebem nessas redes – e eles falaram muito disso.

A partir de uma metodologia qualitativa, com referenciais sociológicos e antropológicos, entrevistei quinze homens com mais de sessenta anos e os usos das redes sociais para encontros sexuais e buscas de relações aparecem como um fato evidente para eles. Apesar dos aplicativos serem cada vez mais especializados na busca de parceiros ideais, as estratégias de tecnologias de informação e comunicação para encontros sexuais não são novas, elas se aprimoraram e vão se consolidando para atender às demandas cada vez mais diversificadas. Esses mecanismos da TIC estão “bombando” como veículo de “pegação”, pois possibilitam cada vez mais a especialização dos fetiches e o trânsito entre identidades sexuais, quebram assim o paradigma das classificações homo, hetero e bi. No universo masculino, o que se quer, muitas vezes, é poder experimentar o potencial de encontros sexuais com liberdade em meio ao anonimato ou, porque não dizer, mantendo as fantasias “por baixo dos panos”, entre “quatro paredes” como sempre o fez.

Vale lembrar que a geração dos sujeitos entrevistados estabeleceu encontros sexuais fortuitos com outros homens valendo-se de pequenos anúncios em classificados de jornais alternativos, valendo-se das singelas caixas postais dos correios para manterem correspondências anônimas. Os atuais sites e aplicativos começaram a ser utilizados por eles com particularidades e inovações e, como acentua um dos entrevistados: “Nestes sites não digo minha idade verdadeira, sessenta anos eu acho muito, eu digo que tenho cinquenta”. De todo modo, apesar de omitir a idade verdadeira, os entrevistados demonstram que não estão ingênuos diante da valorização do ideal de juventude e que em tudo investem a fim de se manterem no jogo sexual.

Há histórias muito engraçadas contadas por eles. São encontros que deram certo entre outros que foram verdadeiras armadilhas, mas a experiência proporcionada pela idade lhes possibilitou saírem ilesos de determinadas situações de risco.

Esses entrevistados me mostraram que não “penduraram a chuteira sexual” – como dizem os heterossexuais mais velhos. Estão em busca de novas relações, não se percebem velhos, são velhos aos olhos dos que os veem. Fora isso, eles reinventam formas de experimentar a vida e enfrentam com humor a degeneração do corpo. Eles se valem das tecnologias e desses aplicativos para manterem-se no jogo sexual já que há poucos espaços para suas sociabilidades e necessidades. Afinal, tem público para todos!

RF: De que modo acredita que as tecnologias de informação e comunicação (TIC) contribuíram para a “saída do armário”?

MM: É um debate interessante e você faz uma pergunta que eu venho me fazendo.

Se levarmos em conta o quanto ainda há de sentidos de homofobia na casa, na rua, na escola, na igreja, nas instituições estatais, nas empresas, podemos entender que os sentidos e possibilidades de expressar emoções e sentimentos, para os homossexuais, ainda são determinadas por diferentes maneiras de não dizer aquilo que se deseja, nem o que se é publicamente em torno da sexualidade. Então, ainda há muitas lutas em torno da “saída do armário” para os homossexuais. Os gays ainda têm que enfrentar muitos silêncios – se saem do “armário”, ou se voltam a ele em determinadas circunstâncias a fim de não se subjulgarem a injúria, difamação e violência de toda ordem frente a essa sociedade heteronormativa.

Esse debate me chama muita atenção e ele elucida muitas reflexões de ordem sociopolítica. Na ordem da ideia de “armário” há duas perspectivas que nos confrontam. Uma diz respeito à luta pelo reconhecimento à diferença e passa pela questão das injustiças culturais de uma sociedade heterossexista. Outra, diz respeito à liberdade e aos direitos relativos à orientação sexual, que articula toda discussão das relações de gênero, na qual o feminino e suas representações são subalternizadas simbolicamente por essa cultura na qual o masculino tem hegemonia. Como a homossexualidade ainda tem o estereótipo da feminilidade, acarreta para os homens muitas dificuldades subjetivas em sua experiência. Se por um lado a feminilidade para os homens homossexuais pode representar repulsa e desprezo, para outros possibilita grande admiração e identificação. São dois campos de discussões que implicam o debate do “sair do armário” e o sentido de “assumir-se” como homossexual. De todo modo, para se lutar por cidadania, o gay tem que dizer o que é, e para isso tem que mostrar a sua cara, tem que pronunciar-se, a fim de obrigar o entorno social a respeitar a diferença e ter tolerância com a diversidade. Ser homossexual não está na cor da pele como para os negros que também lutam por igualdade; ninguém tem a homossexualidade escrita na testa. Assim, para se ter direitos é preciso se assumir e se dizer que se está do lado dos diferentes. O que se pergunta é: será isso que ocorre em um ambiente do aplicativo?

O “armário”, em todos os seus sentidos, refere-se a regulação da vida social de indivíduos homossexuais que temem expressar seus interesses, desejos sexuais, afetos e amores pelas consequências demarcadas por uma sociedade que segrega, exclui e violenta aqueles que estão sob o crivo da diferença em relação à heteronormatividade. Então, a expressão “sair do armário” diz muito sobre o momento em que o indivíduo sai da dimensão na qual se mantém isolado em sua subjetividade. O “armário” é a representação simbólica do quanto é opressor o sistema sexo-gênero-heterossexual. Assim, para sair dele tem que ter poder no espaço social e esse poder está muito associado ao contexto hierárquico que o indivíduo ocupa em seu convívio. Não é por acaso que os gays se sobressaem nas artes, na criatividade, nas relações cotidianas.

De fato, “sair do armário” se configura no contexto de muitas consequências coletivas, que prenunciam violações de direitos humanos, a expulsão de homossexuais do seio das famílias, de suas comunidades são exemplos corriqueiros de intolerância aqueles que tiveram a coragem de dizer aquilo que são.

Em contexto mais amplo, o “armário” para os homossexuais desnuda o sentido de busca por autoproteção individual, já que a homossexualidade é elaborada sob o crivo da repressão e vigilância. Então, há todo um movimento político para se mostrar a cara e se

lutar por direitos. Vale lembrar que a ideia de “sair do armário”, como posição política, articula todo um movimento que hoje é brindado com as Paradas Gays, mas surgiu na Revolta de Stonewall.

Não podemos deixar de relativizar o fato de que, o despertar homossexual expõe questões que envolvem ritos, brincadeiras na infância, os vínculos da amizade, o projeto de sair de casa, entre outros aspectos, que explicitam a dificuldade de ser aquilo que se deseja ou expressar a sexualidade como estilo de vida. Assim, eu me pergunto: que rupturas, mudanças e avanços ocorreram entre os espaços públicos e privados, que favoreceram a aceitação do indivíduo homossexual e lhe permitiu “sair do armário” e “assumir-se” como gay nas relações familiares, no universo das amizades e nos espaços coletivos? Há uma consciência coletiva contemporânea nas diferentes trajetórias da vida que buscam subverter a ordem heterocêntrica? As relações e encontros, que se intensificam pelo uso dos aplicativos, possibilitam a ampliação dessa luta política?

Segundo Kosofsky Sedgwick [refiro-me ao artigo: SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. Campinas-SP, Cadernos Pagu, n. 28, jan./jun., 19-54, 2007], muitos indivíduos homossexuais se submetem ao “armário” pela falta de amparo social e de garantias de possibilidades de aceitação social. Assim, o “armário” significa não só a proteção pelo silêncio, mas também atesta a prática subjetiva entre as oposições casa e rua, privado e público, dentro e fora em todo um contexto heteronormativo permeado pela violência simbólica fortemente caracterizada por homofobia. O que se verifica no “armário” não é o colapso dessas oposições, mas uma violação do primeiro termo e, de certa forma, uma permanente elasticidade com o segundo termo, como estratégia para se manter em sociabilidade.

Neste contexto, percebo que os aplicativos possibilitam intensificar encontros, encurtamento de distâncias entre os indivíduos, novas intensidades e ofertas no âmbito das práticas sexuais, realização de fantasias para todos os grupos fetichistas e estilos corpóreos, uso imagético da sexualidade e novas combinações eróticas. Mas nesse caldeirão do prazer, o corpo é o objeto e está em partes como numa vitrine em que se escolhe o melhor pedaço da alcatra do boi. Pênis, bundas, peitos, cabelo, pelos, barba, altura, atividade, passividade, idade, peso vão se agrupando para possibilitar um encontro. São as especializações dos desejos agrupados em tipos distintivos, que criamos imagetivamente, a fim de constituirmos o roteiro da prévia sexual.

Na ordem imagética entra em questão, o sentido de “sou discreto” anunciado por muitos homens nestes aplicativos. Trata-se de um fato a se pensar. Até que ponto anunciar-se como discreto não encobre a ideia de estilo de vida gay marcada pelo estereótipo do feminino? O que se configura é que nesses aplicativos a clientela não estabelece a “saída do armário” como proposição política de luta pelo reconhecimento, nesse espaço o que há são modos de se obter encontros sexuais fortuitos numa grande vitrine. Posso salientar, quem está fora do “armário” tira maiores proveitos dele. Não há nada mais libertador para um homem quando ele aceita para si e para os outros a virtude de amar abertamente outro homem, rompendo com as amarras do legado dos papéis de gênero a ele imposto a ferro e fogo.

Não podemos demonizar os aplicativos. Eles exercem seu papel de articular um jogo de mercado em busca de consumidores loucos por sexo. Mas com certeza, ainda temos que

analisar os impactos deles na subjetividade deste sujeito moderno cada vez mais hedonista, narcisista em busca de autonomia e independência a qualquer custo.

RF: Você consegue apresentar pontos negativos e/ou positivos do uso de aplicativos por homens que fazem sexo com outros homens?

MM: Eu percebo que os mecanismos de encontros sexuais fortuitos foram se especializando ao longo do tempo. Então é preciso saber que as estratégias para a realização da prática sexual clandestina, escondida, silenciosa e anônima sempre existiram, já dizia Luis Mott, muitas foram as escapadas dos senhores de engenho às senzalas em busca de seus escravos mais dotados. Mas, a simplificação do acesso, a partir de mecanismos que possam estabelecer esses encontros com o uso das redes sociais e aplicativos popularizou as possibilidades dessa prática de encontros casuais, o que faz, às vezes, se acreditar que é uma novidade.

O que temos hoje é um gigantesco painel de possibilidades na vitrine, com tipos infinitos de homens à disposição para se escolher, a qualquer tempo e lugar. No tempo dos meus entrevistados, a tecnologia era rudimentar, mas nem por isso deixavam de se articular em rede. Mas para isso era necessário acionar os anúncios sexuais em revistas pornográficas ou ir com a cara e com a coragem em certos guetos. Hoje basta alguns minutos em chats, sites, aplicativos e redes sociais específicos, para marcar encontros ou satisfazer-se por ali mesmo. O impacto disso na subjetividade do indivíduo moderno ainda temos de assistir!

Acho um avanço você planejar ir a uma cidade qualquer neste país ou no mundo, a trabalho ou turismo, entrar em um aplicativo, iniciar uma conversa com quem te atrai sexualmente e efetivar esse encontro. Estamos diante da possibilidade de exercitar uma liberdade individual jamais vivida antes, do ponto de vista da acessibilidade, intensidade e sociabilidade. Resta saber se essa liberdade faz avançar as relações no âmbito da esperança no outro, no ideal de uma experiência de vida menos solitária, volúvel, mecanicista, descartável, e até que ponto vivemos práticas que nos dignificam e nos tornam menos egoístas com relação a esse outro e ao mundo.

Podemos observar que esses aplicativos produzem uma intensidade de encontros a partir das facilidades que ele apresenta de maneira surpreendente. Então, para não nos tornarmos mercadorias de uma máquina que produz encontros casuais, é preciso ter ponderação para não cair em armadilhas. O efeito colateral dessa facilidade aponta possível risco de violência e maior vulnerabilidade às doenças sexualmente transmissíveis.

O que se deve prever é que um sujeito que sai do virtual para o real em um encontro deverá criar suas estratégias para amenizar os riscos. Como se diz na Bahia, em certos contextos é preciso sair à rua com as “armas de Jorge”, ou seja, sem ingenuidade. O problema é: o que esperar de um homem no “armário”, mal assumido, sem entender seus desejos sexuais, cheio de clichês com relação ao homoerotismo e que clama por sigilo a qualquer preço? O que poderá acontecer quando em quatro paredes esse

preconceito vir à tona? A rejeição à própria homossexualidade pode se manifestar pela violência? De todo modo, nada disso é culpa dos aplicativos.

É preciso ressaltar que todo homem iniciante no mercado homossexual, com pouca experiência, tem reações emocionais constrangedoras ao se confrontar com seu próprio desejo. Trata-se de uma consequência do nível de socialização a que foram orientados ao longo da vida, ou seja, para uma vida heterossexual. Assim, a prática homossexual nem sempre está livre de culpas e sentimento de desprezo por si mesmo, o que pode acarretar inúmeras reações comportamentais contraditórias. Raro são os homens que se sentem liberados muito cedo desse modelo heterossexista que predomina em nossa cultura. Então, há muitas angústias nessa busca pelo “sair do armário”, o que faz com que a volta a ele seja uma constante.

A maioria dos homens com desejos homossexuais vivencia esse duplo contexto de entradas e saídas do armário ao longo da trajetória da vida. Vejo que os aplicativos de interação homossexual podem ajudar a minimizar essa clausura ofertada pelo aprendizado heteronormativo, pois facilitam o acesso ao meio gay e à possibilidade de interação com a diversidade, mesmo que de maneira sigilosa. Mas a “saída do armário” não se dá em meio a uma mera “pegação” on-line, nem a partir de encontros sexuais fortuitos – é algo subjetivamente mais amplo.

Verdade seja dita, os aplicativos não tiram ninguém do “armário”, mas ajudam a fazer uma festinha dentro dele.

RF: Quais considerações tem acerca da relação entre espaço virtual (on-line) e espaço atual (“real”, off-line). Você acredita que a substituição de um espaço pelo outro pode alterar os modos de organização entre homens gays?

MM: As relações dos indivíduos mudaram e vêm se transformando com os usos das redes sociais. Mas não vejo que a questão passa por substituição entre espaços que se representam como real versus virtual. Parece que aos poucos vai havendo uma simbiose entre o que representa ser real e virtual e isso vai influenciando na subjetividade dos indivíduos modernos, mas isso não significa substituição do uso de espaços para as relações.

Outro dia li que uma mulher afirmava amar integralmente um rapaz que morava em outro país, mas nunca haviam se visto de modo real. Nesse caso, real e virtual aparecem para ela como uma questão menor, pois o sentimento que alimentava é puramente real, afinal, “nosso amor a gente inventa para se distrair e quando acaba a gente pensa que ele nunca existiu”. Outra questão que se evidencia nos comportamentos cotidianos, no que diz respeito ao real versus virtual, é a quantidade de pessoas que andam nas ruas escrevendo e se comunicando no celular, ao mesmo tempo em que comem, andam, olham a sinalização. Ali parece haver esse enlace entre real e virtual, o que não significa dizer que são a mesma coisa, mas que a representação simbólica do agir entre ambos passa a implicar em novos comportamentos. Importa pensar é quais são os efeitos colaterais disso.

Para os homens que fazem sexo com homens, ou seja, os não assumidos, eu penso que as possibilidades para os encontros com diferentes pessoas, aos poucos, podem ajudar a

transformar certos preconceitos. Pois, para quem está no virtual é muito provável que seja latente o desejo de ir para o real. Esse deslocamento articula o imprevisível no sentido de que todos os sentimentos podem surgir, seja para uma boa relação ou realização sexual que possa redundar inclusive em afetividade, seja para uma péssima experiência entre ambos.

Para o homossexual fora do “armário”, assumido, que se percebe como gay, que sabe o que quer, penso que os usos de aplicativos para encontros passaram a ser como um novo espaço de sociabilidade. Mas não significa que se possa substituir nada, mas somente pelo fato de ter mais um campo de ação para se encontrar novos parceiros, me parece algo extraordinário da tecnologia que veio para alimentar esses encontros como se estabelece um jogo.

Mas há quem exercite pelo aplicativo o voyeurismo, e nesse caso a prática sexual já está colocada sem desejo do encontro real. Mesmo assim não vejo que isso signifique substituição do real versus virtual, como um prenúncio de tendência a um comportamento coletivo contemporâneo.

Conversando com um amigo sobre isso, ele ressaltou o quanto os aplicativos também podem reduzir os custos de se ter que ir a uma boate ou a um bar para encontrar algum parceiro sexual, pois basta entrar e escolher com quem se possa ter uma atração sem pagar o ingresso de entrada. Não tenho um estudo sobre isso, mas é uma questão a se investigar: será que as redes sociais e os aplicativos com suas amplas possibilidades vêm sendo acessados como possibilidades também de redução de gastos nas baladas? Tudo depende de como utilizamos tais recursos em nossas vidas.

De sua pergunta eu me faço outras: neste contexto on-line somos uma mercadoria da engrenagem imagética ou estamos utilizando mais uma ferramenta para a possibilidade de encontros afetivos-sexuais? Estamos imersos em um jogo sexual em meio à mera troca orgástica ou nos valemos de mais uma ferramenta que possibilita diversificação das relações?

RF: Para você haverá, de fato, uma substituição de espaços (off e on-line)?

MM: Como alinhabei acima, não vejo que haverá substituição entre real e virtual, mas convenhamos, o ilusório influenciará fortemente o sujeito moderno por muito tempo. Ou seja, ainda precisamos de fetiches para encenar e perceber o real.

O fetiche, como sendo a ideia de um valor ao objeto feito pelo homem ao qual se atribui poder inanimado, foi bem elucidado por Karl Marx, ao analisar o valor simbólico das mercadorias para além de seu valor constitutivo do trabalho humano. Então, o valor social que determinamos as coisas, muitas vezes, é fantasmagórico, mas não deixa de ser simbolicamente real.

Para alguns, em determinados contexto da vida o off e on-line podem se articular de tal maneira para quem se insere nele, que o que há é só real. De todo modo, o impacto das redes sociais na subjetividade ainda está para ser analisada com profundidade, é cedo para se concluir a amplitude disso nas relações do sujeito contemporâneo.

RF: O que significa “pegação” ou “cruising” hoje?

MM: O que se pode ressaltar da ideia de “pegação” é o fato de, uma vez desejando uma prática homossexual, o homem entra em busca de interação sexual, que, segundo Michel Pollak¹, mais parece um mercado que alimenta um jogo, por se estabelecer a partir de meras trocas de orgasmo por orgasmo.

Todo homossexual sabe que sua experiência sexual, para ser bem sucedida, depende dos lugares de paquera que incluem parques, praças, bares, banheiros, saunas, cinemas etc. Todos esses lugares possuem uma diversificada clientela que anda lado a lado com a especialização do desejo sexual e tipos de homens que frequentam e se atraem. O cinema, por exemplo, possui uma frequência de adoradores do sexo oral, pois se trata de uma prática possível nesse ambiente, o que não significa que não haja outras.

Então, a “pegação” é em certo sentido uma paquera no espaço público, o que requer certos conhecimentos de suas sutilezas para não cometer enganos e seduzir o homem errado, justamente aquele que nada tem a ver com o sentido erótico que se deseja – seduzir um homem errado pode ter implicações violentas no espaço público que é ideologicamente homofóbico. Vale destacar que quanto mais o sujeito é assumido sexualmente menos ele comete erros nessa abordagem. E é aí que entram a “pegação”, os sentidos de sinais de reconhecimento e das encenações sutis, que possibilitam entender que o outro aceitou interagir sexualmente.

Para os gays mais velhos, em certos espaços de “pegação”, a interação perde a eficácia, na medida em que as pressões estéticas são cada vez mais exigentes e valorativas do mito da juventude. Assim, a “pegação” é seletiva e os critérios étnicos e corporais também estruturam o mercado e os espaços específicos para seus públicos. Há determinados espaços que possibilitam agregar certos tipos, como os mais gordinhos, peludinhos, malhados etc. Os gays mais velhos, por exemplo, também estabelecem seus espaços, que são frequentados por jovens que desejam velhos e por velhos que buscam outro de mesmo perfil, e assim vai se percebendo que há público para todos.

Não dá para ser romântico ou ingênuo. A “pegação” para todo homem homossexual já se estabelece com suas regras em um jogo, e a separação entre sexo casual de relacionamento afetivo já está colocada. “Pegação” é troca de orgasmo e ponto, é como ir para um feirão e escolher como e com quem se quer gozar. É um jogo. Mas, como em todo jogo se pode avançar em novas possibilidades, acredito que qualquer gay poderá inclusive encontrar seu esperado parceiro, inclusive, num banheiro de “pegação”.

Na era dos aplicativos também há tipos corpóreos. Ali as intensidades nas espacialidades, possibilidades e diversidade de redes de contato têm efeito de ampliação de descobertas, mas também de riscos em uma imbricação de objetos-corpos na vitrine. Mas no virtual, o real é relativo, não precisamos falar a verdade, logo, podemos ser quem bem entendemos. Ali a “pegação” ficou mais fácil e diversificada. Um homem de sessenta anos se anuncia como cinquenta, pode ser o modelo de idade ao qual ele se

¹ O entrevistado faz referência ao seu artigo: POLLAK, M. A homossexualidade masculina, ou: a felicidade no gueto? In: Ariés, Philippe; Béjin, André (Orgs.) **Sexualidades ocidentais**: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade. São Paulo: Brasiliense, 1985.

percebe e assim ganha mais atrativos por se aproximar do ideal de juventude, cuja valorização se dá em detrimento a certos espaços. Mas, há os que aumentam a idade a fim de buscar outros atores sexuais que os atraíam.

Seja nos aplicativos, seja nos espaços públicos de “pegação”, sempre teve aqueles que buscam o termo discreto para interagir fora do “armário” e voltar a ele pelo anonimato, como bem entendem. Isso faz parte do jogo. Mas há consequências. Quem está fora do “armário” está mais protegido pela luta por direitos. Quem é assumido ao sofrer injúria está mais fortalecido para fazer a denúncia e botar a “boca no trombone”. Os que se escondem no “armário” muito provavelmente vão dormir com o medo e, em caso de violência, não fazem o registro policial, em decorrência do próprio preconceito, pois uma delegacia lhes dará visibilidade pelo seu ato homossexual.

RF: Entre seus entrevistados, você consegue quantificar o percentual dos que utilizam tecnologias de informação e comunicação (TIC)?

MM: Os meus entrevistados todos relataram valerem-se das redes sociais. Mas somente os solteiros afirmaram sua utilização como canais para busca de parceiros.

RF: Quais as TIC mais utilizadas? Computador com acesso à Internet, celular, tablet...?

MM: Como não foi uma questão colocada nas entrevistas, não sei precisar isso.

RF: Qual acredita que será o futuro da condição de ser gay frente aos avanços no universo das TIC?

MM: Não acho que a condição de ser gay seja tão articulada com as TIC a ponto de se analisar mudanças futuras que venham influir na sua condição. É o contrário, o futuro das TIC vai se especializando de acordo com as necessidades de novas interações entre os sujeitos, para além de ser gay, a fim de ganharem mais mercados consumidores.

Mas aos poucos esta ideia, inclusive, de ser gay como uma condição, vai perdendo a importância, assim como a existência do “armário”. Para as novas gerações já é uma evidência o fato de que ser gay está além do sentido de ser homossexual, e a homossexualidade não necessariamente articula mais um sentido de um estilo de vida gay. Afinal, o que interessa saber o que o outro faz na cama, se já não mais o controlamos? O que interessa a vontade de saber sobre o sexo, se o que mais interessa agora é fazer?

RF: É possível exercer homossociabilidade on-line (por meio de redes sociais, por exemplo)?

MM: Acho que se exercita certo sentido de homossociabilidade virtual sim. O ambiente on-line das redes sociais possibilita que os indivíduos comunguem certos preceitos de suas vidas, desejos, alegrias, cristalizem a construção de novas identidades a partir de certas redes sociais. Então, há um espaço de homossociabilidade, pois o sentimento de consolidação de pertencimento está presente. O indivíduo isolado atrás do computador passa a exercer seu direito de opinar e manifestar seus gostos e visões de mundo e assim passar a exercitar novas relações sociais pelos meios eletrônicos, que pode avançar ou não para um encontro real. Muitas vezes, tece-se uma rede de relacionamento, que se desloca entre a confiança para a confidência, entre trajetórias de vidas comuns e histórias de vida sobre a experiência gay, muitas vezes, compartilhadas pelo ambiente virtual, e isso é, em certo sentido, homossociabilidade pelas redes sociais.

O que se pode perceber é que através das redes sociais há uma eficácia nas trocas de informações e denúncias sobre o poder heteronormativo os quais são fontes de conflitos para muitos homossexuais. Neste sentido, o ambiente on-line passa a ser fonte de interatividade, livre expressão, o que potencializa as articulações entre os sujeitos identitários e suas lutas.

Entrevista realizada em maio de 2015.